

Viagem aos Relatos de Viagem

*Ilka Boaventura**

Desde que o Brasil passou a ser a sede da Corte Portuguesa, seus portos se abriram para o contato com o resto do mundo. Até então, as medidas restritivas da política colonial enfatizavam a necessidade de manter o exclusivismo, de proteger seu tesouro da cobiça alheia. As poucas obras produzidas por estrangeiros sobre o Brasil antes disso, foram escritas em situações de naufrágio, invasões e disputas territoriais ou por missionários religiosos envolvidos na obra da “pacificação e doutrinação” dos povos nativos.

O rompimento do quadro de isolamento colonial, com a mudança da Corte, aumentou a curiosidade dos outros países europeus e promoveu pela primeira vez uma oportunidade concreta de se obter informações, conhecer e explorar cientificamente o país. Inaugura-se assim, o período áureo das viagens. Com elas, as crônicas ou relatos — gênero muito apreciado e lido na Europa, até mesmo anterior a viagem de Marco Polo ao Oriente. Porém, desta vez com novas pinceladas: os tons esverdeados dos trópicos.

Um Brasil inteiro se procura descobrir através destas viagens: um conhecer/apropriar-se “do outro”: o diferente, exótico, mas também familiar, projeção de si — cultura vaidosa, orgulhosa de suas conquistas. A Ilha de Santa Catarina não escapa evidentemente desta curiosidade. Ela é um alvo certo dos canhões dos desbravadores do mar, desde fins do século XVI, quando dos primeiros relatos. A Fortaleza de Santa Cruz sobre a Ilha de Anhatomirim é um exemplo das preocupações de Portugal no século seguinte, em defender esta parte do litoral de freqüentes invasões. A posição da Ilha de Santa Catarina era além disso, por demais estratégica nas rotas para o sul do Continente, atraindo navegadores desde as primeiras viagens pelo Atlântico Sul.

Somente no contexto da expansão dos domínios europeus da apropriação de terra, de gente e de produtos extrativos, e possível

* Doutora em Antropologia, professora do mestrado em Antropologia Social da UFSC.

entender o significado das viagens e também dos textos produzidos a partir daí. Havia uma conjuntura propícia para produzi-los e uma avidez por consumi-los. Não foi por acaso que se transformaram, durante o século XIX em grandes best-sellers na Europa. Além de preencher a curiosidade dos que ficaram, através de descrições detalhadas e escritas com esmero, veia literária e muita imaginação, esses escritos cumpriram o papel de informar sobre as potencialidades de exploração das regiões visitadas — verdadeiro mapeamento das “minas” tropicais. Daí porque faz sentido pensar esta produção também como fruto de exigências impostas pela expansão imperialista, desde o período colonial — e por que não? — até os tempos atuais. Como percebeu Octávio Ianni, “a dominação direta ou indireta de qualquer aldeia, cidade ou nação envolve algum conhecimento dos modos de vida e das idéias de seus habitantes”.

O interesse, neste caso, em revelar o desconhecido adquire outra dimensão, não percebida como “fruto do desenvolvimento científico”, “fuga romântica” ou “fascínio pelo misterioso e exótico”. Isto sem dúvida não basta para explicar os relatos. Pode ser o ponto de partida, o início da viagem dentro da viagem, um caminho para o estudioso que queira se utilizar dos relatos como fonte documental.

Insiste-se aqui na necessidade de cumprir uma etapa que passe pela crítica da Ciência, do re(conhecimento) de seu atrelamento a poderes dominantes. Chega-se, com isto, ao “x” da questão: quem financiavam as viagens? a quem serviam os relatos? qual o critério de escolha dos assuntos a serem abordados? como e a partir de que eram definidos os personagens e papéis na novela da viagem de cada cronista?

Insiste-se ainda na recriação sobre as técnicas de pesquisas já existentes; na compreensão dos aspectos formais do discurso (o estilo do autor, o gênero, etc.), sua conexão com o contexto das viagens e o conteúdo das informações prestadas. Ver o outro lado da moeda, ou correr o risco de reduzir o olhar crítico a uma visão simplista: o valor documental que de fato existe e deve ser recuperado; muitos aspectos da vida brasileira belamente descritos, literariamente revelados e que não passam pelo discurso científico formal; um discurso formal que se engana, torna-se falacioso quando diz, por exemplo: “os negros são naturalmente inferiores” . . .

Difícil uma crítica que ultrapasse o olhar de deslumbramento pois assim ratificamos a assimetria do discurso. Seria preciso que este “outro”, “estranho” e “exótico” começasse a fazer uma releitura,

não enquanto “o retratado” mas sim elaborando um novo referencial, identidade nova que inclua também o passado e o presente.

Mas como superar a imagem construída com a exuberância da cor da vaidade? Como vencer o discurso etnocêntrico, cheio de Ci(ê)ncia, ávido por impor sua superioridade?

